

Crônicas para Jovens

De amor e amizade

Clarice Lispector

Prof^a. Mari
Literatura



Amor e Amizade inspiraram Clarice Lispector dezenas de vezes. Prova disso são as mais de quatro dezenas de textos selecionadas pelo editor **Pedro Karp Vasquez** para a coletânea *Crônicas para jovens: de amor e amizade*.

- **CRÔNICAS PARA JOVENS - DE AMOR E AMIZADE**
- **CLARICE LISPECTOR**
- **ESCOLA LITERÁRIA: TERCEIRA FASE MODERNISTA**
- **ANO DE PUBLICAÇÃO: 2010**
- **Organizado por Pedro Karp Vasquez**
- **GÊNERO: NARRATIVO - CRÔNICAS**
- **DIVISÃO DA OBRA: 43 CRÔNICAS**
- **TEMAS: AMOR, AMIZADE, DOR, FRUSTRAÇÃO, SAUDADE e tantos outros**



Clarice Lispector fez parte da **Terceira fase do Modernismo** no Brasil. Imprimiu em suas obras uma **literatura intimista, de sondagem psicológica e introspectiva**. Reconhecida pela crítica literária brasileira e estrangeira como uma das maiores escritoras do século XX, Clarice Lispector **mudou os rumos da narrativa** moderna com uma **escrita singular**, passando por diversos gêneros, do **conto ao romance**, da **crônica à dramaturgia**, da entrevista à correspondência e, também, pelas **páginas femininas**.

Biografia

Clarice Lispector nasceu em Tchetchnik, na **Ucrânia**, 1920. Filha de Pinkouss e Mania, de origem judaica, que chegaram ao Brasil em **1922**, fugindo do antissemitismo disseminado na Rússia durante a Guerra Civil Russa.

Fixaram residência em **Maceió, Alagoas**, todos mudaram o nome. Nascida **Haia Lispector**, passa a se chamar **Clarice**.

Em **1929**, mudou-se com a família para a cidade do **Recife** onde passou sua infância.

Com 12 anos, Clarice mudou-se com a família para o **Rio de Janeiro**, indo morar no Bairro da Tijuca.

Em 1941, terminado o segundo grau, ingressa na Faculdade Nacional de **Direito**, e emprega-se como redatora da Agência Nacional. Depois passa para o jornal A Noite.

Em **1943** casa-se com o amigo de turma Maury Gurgel Valente.

O livro Perto do Coração Selvagem retrata uma visão interiorizada do mundo da adolescência, em 1944, com calorosa acolhida da crítica, recebendo o Prêmio Graça Aranha.

1944 - acompanha seu **marido – diplomata** de carreira para Nápoles, na **Itália. Com a Europa em guerra**, Clarice trabalha como voluntária de **assistente de enfermagem** no hospital da Força Expedicionária Brasileira.

1946 - publicou ***O Lustre***. Reside agora na Suíça.

1949 - publica ***A Cidade Sitiada***. Nasce o primeiro filho.

1952 - publica ***Alguns Contos***.

Obras de Clarice Lispector

- Perto do Coração Selvagem, romance, 1944
- O Lustre, romance, 1946
- A Cidade Sitiada, romance, 1949
- Alguns Contos, contos, 1952
- Laços de Família, contos, 1960
- A Maçã no Escuro, romance, 1961
- A Paixão Segundo G.H., romance, 1961
- A Legião Estrangeira, contos e crônicas, 1964
- O Mistério do Coelho Pensante, literatura infantil, 1967
- A Mulher Que Matou os Peixes, literatura infantil, 1969



- Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres, romance, 1969
- Felicidade Clandestina, contos, 1971
- Água Viva, romance, 1973
- Imitação da Rosa, contos, 1973
- A Via Crucis do Corpo, contos, 1974
- A Vida Íntima de Laura, literatura infantil, 1974
- A Hora da Estrela, romance, 1977
- A Bela e a Fera, contos, 1978 (póstumo)

Influenciada por escritores como James Joyce, Virginia Woolf, Marcel Proust e William Faulkner, Clarice Lispector introduziu o ***fluxo de consciência*** na Literatura Brasileira, técnica que ***quebra os limites espaços-temporais*** e cruza vários planos narrativos sem preocupação com a linearidade.

Passa seis meses na Inglaterra e em seguida vai para os **Estados Unidos**, onde nasce seu segundo filho, em **1953**.

Em **1954**, *Perto do Coração* é publicado em francês.

Em **1959**, Clarice **separa-se do marido** e retorna ao Rio de Janeiro, acompanhada de seus filhos. Logo começa a trabalhar no Jornal Correio da Manhã, assumindo a coluna "Correio Feminino".

Em **1967** publica *O Mistério do Coelho Pensante*.

Em **1977** escreveu *Hora da Estrela*, sua última obra publicada em vida.



Enquanto eu tiver
perguntas e não
houver resposta
continuarei a
escrever.

Clarice Lispector

 PENSADOR

Clarice **faleceu em 1977**, um dia antes de completar 57 anos, em decorrência de um câncer de ovário. Deixou dois filhos e uma vasta obra literária composta de **romances, novelas, contos, crônicas, literatura infantil e entrevistas.**

A coletânea foi **bem elaborada**, pois a seleção das mais de quatro dezenas de crônicas consegue garantir ao leitor – seja ele um **velho visitante da obra clariceana** ou **alguém que está tendo contato com ela pela primeira vez** – uma **bela aproximação com a inteligência e o talento da autora**, cujos escritos são tão **admiráveis, criativos** e suavemente **acessíveis**, por vezes **divertidos** e por outras **emocionantes**.

Com textos diversificados, **De amor e amizade** trata-se de uma coletânea fácil de ler, que toca em assuntos cotidianos de relacionamentos e sentimentos comuns, às vezes em narrativas sensacionais e outras vezes em descrições detalhadas de uma ocorrência extremamente banal e fácil de passar despercebida.

Crônicas para jovens: de amor e amizade



São quarenta e três textos selecionadas pelo editor **Pedro Karp Vasquez** para a coletânea **Crônicas para jovens: de amor e amizade**. Sem prender-se a significados prosaicos, a escritora **criou durante anos histórias** que remetem a **amizades** daquelas sem tamanho, a **amores** para o resto da vida, a relacionamentos baseados na superficialidade e até mesmo ao episódio daquele amor destruído por causa de um bule de bico rachado.

No período em que colaborou com o **Jornal do Brasil** (RJ) entre ***agosto de 1967 e dezembro de 1974***, esteve mais próxima do que nunca de seu público leitor, chegando a responder cartas de leitores e a escrever textos baseados em sugestões ou questionamentos que estes fizeram.

Clarice escreveu essas crônicas mediante um desafio de se tornar colunista num jornal. Assim como **histórias cotidianas**, há também **histórias fictícias**.

A obra é recheada de Clarice e coberta com uma **ternura** que só ela pode ofertar.

Pedro Vasquez declara que Clarice conseguiu uma proeza raríssima, a de **conquistar o respeito da crítica** e da **comunidade acadêmica** e o público, fazendo com que sua leitura seja tão desejada por todos.

Os textos são escritos de forma incomum.

A autora transporta para o papel coisas que ela encara no mundo de uma maneira diferenciada. **Relatos de sua vida**, como uma simples **conversa com um taxista**, um simples **suéter que ela ganhou** de alguém desconhecido.

Há também crônicas do relato de um **primeiro beijo**, de **amores e saudade**.

Histórias **fictícias** intercalam-se com **relatos pessoais**, nos quais Clarice parece prestar uma homenagem a amigos queridos.

Aparecem nesses momentos, companheiros de episódios de alguma fase da vida da autora, como é o caso do **matemático Leopoldo Nachbin** (***As grandes punições***). Clarice e Leopoldo encontraram-se no primeiro dia de aula do Grupo Escolar João Barbalho, em Recife. Durante alguns anos, os dois foram os mais impossíveis da turma, com boas notas em todas as disciplinas, exceto em comportamento.

Clarice escreve ainda sobre outro tipo de amor/amizade, aquele **com toques genuínos de admiração**, algo próximo ao sentimento que levou a leitora anônima a fazer um suéter especialmente para a escritora. A resposta, em tom de agradecimento, foi escrita com a delicadeza que Clarice costumava dedicar aos leitores – a quem chegava a **responder cartas e a escrever crônicas** baseadas em suas sugestões e seus questionamentos:

“E eis-me dona de repente do suéter mais bonito que os homens da terra já criaram.” - O suéter

“Crônica”

“Ser cronista”



“Crônica é um relato? É uma conversa? é o resumo de um estado de espírito? Não sei, pois antes de começar a escrever para o Jornal do Brasil, eu só tinha escrito romances e contos.”

“Disse: escreva qualquer coisa que lhe passe pela cabeça, mesmo tolice, porque coisas sérias você já escreveu, e todos os seus leitores hão de entender que sua crônica semanal é um modo honesto de ganhar dinheiro.”

“E outra coisa: nos meus livros quero profundamente a comunicação profunda comigo e com o leitor. Aqui no jornal apenas falo com o leitor e agrada-me que ele fique agradado.”

Crônicas para jovens: de amor e amizade

- 1 AMOR IMORREDOURO
- 2 A FAVOR DO MEDO
- 3 UMA REVOLTA
- 4 A DESCOBERTA DO MUNDO
- 5 AO QUE LEVA O AMOR
- 6 QUEM ESCREVEU ISTO?
- 7 VIDA AO NATURAL
- 8 UM HOMEM
- 9 HOMEM SE AJOELHAR
- 10 POR NÃO ESTAREM DISTRAÍDOS
- 11 O PRIMEIRO BEIJO
- 12 VIAGEM DE TREM
- 13 DESENCONTRO
- 14 A COMUNICAÇÃO MUDA
- 15 O PRESENTE ...
- 16 MAS HÁ A VIDA
- 17 DAR-SE ENFIM
- 18 POR CAUSA DE UM BULE DE BICO RACHADO
- 19 POR QUÊ?
- 20 SEM AVISO
- 21 UMA HISTÓRIA DE TANTO AMOR
- 22 NOSSA TRUCULÊNCIA

- 23 AMOR
- 24 AMOR, QUATI, CÃO, FEMININO E MASCULINO
- 25 AS GRANDES PUNIÇÕES
- 26 LÚCIO CARDOSO
- 27 AS DORES DA SOBREVIVÊNCIA: SÉRGIO PORTO
- 28 SAN TIAGO
- 29 TANTO ESFORÇO
- 30 PRECE POR UM PADRE
- 31 UM PEDIDO
- 32 O GRITO
- 33 O SUÉTER
- 34 OLHAVA LONGE, SEM RANCOR
- 35 LIBERDADE
- 36 AMOR A ELE
- 37 TRÊS ENCONTROS QUE SÃO QUATRO
- 38 DIES IRAE
- 39 O GRUPO
- 40 SUPONDO O CERTO
- 41 OS GRANDES AMIGOS
- 42 UMA EXPERIÊNCIA
- 43 SAUDADE

*“Ainda continuo um pouco sem jeito na minha nova função daquilo que não se pode chamar propriamente de crônica. E, além de ser **neófito** no assunto, também o sou em matéria de escrever para ganhar dinheiro. Já trabalhei na imprensa como profissional, sem assinar. Assinando, porém, fico automaticamente mais pessoal. E sinto-me um pouco como se estivesse **vendendo minha alma**. Falei nisso com um amigo que me respondeu: mas escrever é um pouco vender a alma. (...)*

– Depois faz reflexões sobre o homem:-

AMOR IMORREDOURO

“Filhos são, como se diz, a nossa carne e o nosso sangue, e nem se chama de interesse. **É outra coisa.**”

“O homem é a nossa fonte de inspiração? **É.** O homem é o nosso desafio? **É.** O homem é o nosso inimigo? **É.** O homem é o nosso rival estimulante? **É.** O homem é o nosso igual ao mesmo tempo inteiramente diferente? **É.** O homem é bonito? **É.** O homem é engraçado? **É.** O homem é um menino? **É.** O homem também é um pai? **É.** Nós brigamos com o homem? **Brigamos.** Nós não podemos passar sem o homem com quem brigamos? **Não.** Nós somos interessantes porque o homem gosta de mulher interessante? **Somos.** O homem é a pessoa com quem temos o diálogo mais importante? **É.** O homem é um chato? **Também.** Nós gostamos de ser chateadas pelo homem? **Gostamos.**”

“Perguntei-lhe se ele também tinha, respondeu que não era casado, que jamais se casaria. E contou-me **sua história.** Há catorze anos amou uma jovem espanhola, na terra dele.”

AMOR IMORREDOURO

“Morreu consciente de que ia morrer, predizendo: **‘Vou morrer em teus braços’.**”

“O ambiente todo lembrava-lhe **Clarita** – este é o nome da moça morta, o que me assustou porque **era quase meu nome e senti-me morta e amada.**”

“Teve uma fábrica de sapatos, vendeu-a depois; comprou um bar-restaurante, vendeu-o depois. **É que nada importava.** Resolveu transformar seu carro de passeio em carro de praça e **tornou-se chofer.**”

“que ele consegue **ter casos** e variar de mulheres. **Mas amar – nunca mais.**”

“Como gostaria de descansar uns dias num lugar desses.”

“A senhora quer mesmo?! **Pois pode vir!**”

AMOR IMORREDOURO

“Dagora em diante só entrevistarei os choferes **bem velhinhos**. Mas isso prova que o espanhol é um homem sincero: a saudade intensa por Clarita não atrasa mesmo sua vida. O final dessa história **desilude um pouco os corações sentimentais**.”

“A história **ficaria melhor**. Mas é que **não posso mentir** para agradar vocês.”

“Mas encontrou em mim ouvidos distraídos. Só o que se chama de **amor imorredouro** tinha me interessado. Agora estou me lembrando vagamente do desfalque. Talvez, concentrando-me, eu me lembre melhor, e conte no próximo sábado. Mas acho que não interessa.”

O PRIMEIRO BEIJO

CLARICE LISPECTOR, INVESTIGADORA DE INTIMIDADES

A autora mergulha na intimidade dos seus personagens e a investiga profundamente, em busca do que seria o próprio núcleo existencial dessas criaturas. Utiliza para isso uma prosa rica em características poéticas sonoridades, analogias, figuras de linguagem e a exposição do fluxo psicológico dos personagens.

Os dois mais murmuravam que conversavam: havia pouco iniciara-se o namoro e ambos andavam tontos, era o amor. Amor com o que vem junto: ciúme.

Está bem, acredito que sou a sua primeira namorada, fico feliz com isso. Mas me diga a verdade, só a verdade: você nunca beijou uma mulher antes de me beijar?

Ele foi simples:

Sim, já beijei antes uma mulher.

Quem era ela? perguntou com dor.

O PRIMEIRO BEIJO

De olhos fechados entreabriu os lábios e colou-os ferozmente ao orifício de onde jorrava a água. O primeiro gole fresco desceu, escorrendo pelo peito até a barriga. Era a vida voltando, e com esta encharcou todo o seu interior arenoso até se saciar. Agora podia abrir os olhos.

Abriu-os e viu bem junto de sua cara dois olhos de estátua fitando-o e viu que era a estátua de uma mulher e que era da boca da mulher que saía a água. Lembrou-se de que realmente ao primeiro gole sentira nos lábios um contato gélido, mais frio do que a água.

E soube então que havia colado sua boca na boca da estátua da mulher de pedra. A vida havia jorrado dessa boca, de uma boca para outra. Intuitivamente, confuso na sua inocência, sentia intrigado: mas não é de uma mulher que sai o líquido vivificador, o líquido germinador da vida... **Olhou a estátua nua.**

Ele a havia beijado.

POR CAUSA DE UM BULE DE BICO RACHADO

Jane, 28 anos - e Bob Douglas, 32 anos, casados havia quatro anos, viviam o que se chama de felizes no bairro de Soho, Londres.

Certa tardinha, quando Jane servia o chá para ambos, Bob de repente, enfureceu-se:

— Fico doente de ver todos os dias esse bule velho de bico rachado! Não aguento mais!

Jane, em geral suave, retrucou também enraivecida:

— Pois vá você mesmo comprar um bule bem bonito, se tem dinheiro!

Bob — e ao que parece era a primeira “cena” entre ambos — Bob saiu batendo a porta. Foi visto num pub, certamente para se acalmar — e depois nunca mais foi visto por ninguém. Isto mesmo: desapareceu. Jane boquiaberta.

Tempos depois soube que Bob estava em Paris. Havia se alistado na Legião. Jane fez de tudo para resgatá-lo. Mas em vão. A explicação era sempre a mesma: tudo acontecera por causa de um bule de chá de bico rachado. Bob ficou doente, curou-se e foi enviado à Indochina. Bob foge, mas é preso por imigração ilegal. Jane tenta explicar: tudo por causa de um bule de chá de bico rachado.

“Fico danada por não saber o fim da história e suponho que vocês também.”

PRECE POR UM PADRE

Em certa noite, uma pessoa pediu prece por **um padre que tem medo de morrer e tem vergonha de ter medo**. Ela pediu várias coisas a Deus, inclusive que ele fizesse o padre compreender que a morte não existe, porque já estamos todos na eternidade e que ele sinta que a morte não significa morrer e que para se entregar a Deus não é necessário morrer. Ela pede também para que Deus lhe faça entender que não há explicação para tudo, visto que nós fomos criados nesse mundo incompreensível. No final da prece ela revela que foi **o próprio padre que lhe pediu para rezar por ele**.

Finalizando...

Despida das personagens de seus contos e romances, Clarice Lispector fez das crônicas uma janela para conversar – tornando “leitores transeuntes” em vizinhos íntimos – sobre o que nos fala o coração: amor e amizade.

Entregando a si mesma e sua visão personalíssima de mundo, ela convida os jovens amigos leitores a se apaixonar também pela palavra, pelos livros, pelos instantes, pela vida.

Crônica e Conto

- **CRÔNICA** - Atualmente, é um gênero literário que explora **qualquer assunto**, principalmente os **temas do cotidiano**. Geralmente escritas para serem **publicadas em jornais e revistas** — que, mais tarde, podem ou não ser reunidas em livro — a crônica se caracteriza pelo **tom humorístico ou crítico. Foco no assunto.**
- **CONTO** - Narração **breve**, oral ou escrita, de um sucesso imaginário. Tem um **número reduzido de personagens** que participam de **uma só ação, em um foco temático**. Sua finalidade é provocar no leitor uma única resposta emocional. Provocar uma **reflexão. Foco no personagem.**

OBRIGADA!

Prof^a. Marilene
Redação